

NOVOS ESTUDOS DE POPULAÇÃO

DOROTHY GOOD assina um artigo aparecido no volume XXXV, n.º 1, de janeiro de 1945, da *Geographical Review* sob o título supra, em que aprecia alguns estudos importantes dados à publicidade nos últimos anos, acêrca de fenômenos de população e a sua interpretação em face de outros fatores sociais. Oferecemos aqui uma condensação desse artigo não só pelo seu evidente interesse informativo, como pelo fato de representar um trabalho de síntese que nos permite aduzir as conceituações mais freqüentes, entre os demógrafos contemporâneos, dos principais problemas populacionais.

Esclarece, preambularmente; que reina concordância entre os estudiosos no que respeita ao problema do curso provável das transformações populacionais que se estão operando na atualidade, mas que diferem muito as suas interpretações quanto à significação destas e a natureza da conduta a assumir em face das mesmas.

A população do mundo em 1939 calculava-se aproximadamente em 2 080 milhões de seres humanos. Dêsse tanto pouco mais de metade vivia na Ásia, pouco mais de um quarto, na Europa, menos de um décimo na América do Norte e Central, menos de uma décima segunda parte, na África, menos de um vigésimo, na América do Sul e apenas 0,5 por cento, na Oceânia (1).

Este total representa o dôbro do de há um século. Porém a direção e a intensidade desses movimentos não têm as mesmas características de progressão uniforme.

As regiões que apresentaram, desde quase um século e meio, o maior índice de crescimento de população, foram a Europa e as terras temperadas, principalmente na América, colonizadas pelos europeus. Hoje em dia esta expansão de população, por via de crescimento natural, parece que se aproxima de uma pausa. Há seguras indicações da iminência de um período de declínio (2). De acôrdo com estas, as regiões da Europa do Norte, Central e Ocidental, a Austrália, a Nova Zelândia, estariam num período de declínio em 1970; as dos Estados Unidos, Canadá, Sul da África (brancos) num período estável tendendo para o declínio; as da Europa meridional e oriental num período de progressão que vai francamente decaindo; e as da U.R.S.S., persistiriam ainda num período de rápido, se bem que bastante moderado incremento.

Ao contrário, as regiões da Ásia, África tropical e sub-tropical e América do Sul e Central, com seu elevadíssimo índice de natalidade, logo que sejam removidas as causas da mortalidade, sobremodo ativa, principalmente em períodos de crises, fome, epidemias, etc., com o avanço da civilização, é de esperar-se um extraordinário avanço do seu potencial humano (3).

Resta saber o que advirá para o mundo dêsse decréscimo das populações européias, que tão grande influência exerceram na sua fase de expansão, sôbre a cultura das outras regiões do planeta.

Transformações previsíveis na Europa — Acêrca dos problemas de população na Europa, um estudo pode ser citado, por ser um dos mais compreensíveis, no qual se consideram os efeitos sugeridos pelas tendências da população, no período anterior à guerra nos diversos países europeus (4).

O resultado mais surpreendente desse estudo é o crescimento proporcional da União Soviética. Sua população em 1940 era de 174 milhões e a do resto da Europa, 399 milhões. As estimativas de população para 1970 presumem 251 milhões para a U.R.S.S. e 417 milhões para o resto da Europa. Em números relativos teríamos que os cidadãos da União Soviética ultrapassariam os alemães — da Alemanha de 1937 — na proporção de mais de 3 para 1, enquanto esses se adiantavam aos franceses na de 2 para 1, aproximadamente.

Isto significa que o centro de gravidade de população passaria em 1970 para os países da Europa oriental, que assumiriam a mesma superioridade de que gozam os países da Europa central e ocidental. Tal modificação se alia a sensíveis diferenças na discriminação de idade, sexo, etc. Essas diferenças são responsáveis pelo índice de renovação mais acentuado na U.R.S.S. e demais países orientais.

Estimativas dessa natureza são baseadas ora partindo da admissão da unidade cultural do continente de modo que as leis inferidas da experiência de um país, que possua dados mais rigorosos, possam ser aplicadas aos outros, ora referem-se a pressupostos menos compreensivos de unidade cultural, embora alguns levem em conta prováveis mudanças nos coeficientes de fertilidade e mortalidade (5) e (6).

N.R. — Os números entre parêntesis se referem à bibliografia inserta no fim do trabalho.

Contudo alguns demógrafos negam a autenticidade dessas previsões, entendendo que a falta de dados precisos concernentes ao passado bem como a imprevisibilidade de um complexo de fatores sociais intervenientes, retiram o valor de certeza a esses cálculos (7).

Outros acham que não há como negar-lhes utilidade como instrumento de planejamento social, tanto mais quanto se refiram a uma distância apropriadamente curta no futuro, porque nesse caso a margem de erro será pequena.

A Europa do Norte, Central e Ocidental — A população total compreendida nas regiões demográficas da Europa do norte, central e ocidental era de 234 milhões em 1940. De acordo com as previsões do "Office of Population Research", descerá a 225 milhões em 1970, decrescimento este já previsto alguns anos antes (8). Como esse declínio se tornasse bastante evidente as nações mais afetadas, como a Suécia, Inglaterra, França e Alemanha, cômicas do perigo que as ameaçava, passaram a adotar medidas visando pelo menos a manter sua população num nível estável (9). Para isso se lançou mão de vários meios protetores dos encargos de família, serviços de assistência educacional e higiênica, propaganda, etc. Estatuía-se que os casais não estéreis deveriam ter no mínimo três filhos, a fim de assegurar o movimento da integração da população.

Provisões neste sentido foram feitas por esses países através de atos diversos (veja para a Suécia (10), Inglaterra (11), (12), (13); França (14); U.R.S.S. (15). Só o tempo poderá demonstrar a eficácia dessas providências.

Há ainda outro problema da maior importância, a que não se atentou devidamente nesses países afetados: o de como ajustar a estrutura econômica e social às necessidades de uma população velha (16) embora se reconheça geralmente que não são as mesmas as exigências das populações maduras e as das que estão em expansão.

A Europa Oriental e Meridional — A população total da Polônia, países balcânicos, Lituânia, Itália, Portugal e Espanha, em 1940, era de 165 milhões. Segundo as estimativas do "Office of Population Research", esta cifra montaria a 192 milhões em 1970. Aqui o problema é totalmente oposto, isto é, esses países têm que se haver com a superpopulação. Cumpre então fazer com que a utilização dos recursos caminhe paralelamente ao avultamento da solicitação social dos mesmos. Ora, para países extraordinariamente dotados em riquezas naturais, tais como os Estados Unidos no século XIX e U.R.S.S., no século XX, a solução desse problema pode ser fácil. Tal não é porém a situação dos países relativamente pobres em recursos naturais, onde a maioria da população está ligada à agricultura e a falta de capitais, a excessiva divisão da terra impedem o afastamento dos rotineiros métodos de exploração e a introdução da industrialização e a racionalização capazes de proporcionar maior rendimento ao trabalho (17) e (18).

Populações de origem predominantemente européia — Em relação aos Estados Unidos, presume-se que sua população tornar-se-á estável dentro de pouco mais de uma geração. Das estimativas nesse sentido, distinguem-se as que foram formuladas pelos professores THOMPSON e WHELPTON, baseadas principalmente nas hipóteses de moderadas reduções nos índices de mortalidade e natalidade para o futuro e ausência da imigração (19). De acordo com isto a população de 132,5 milhões, em 1940, ascenderia a 157,4 milhões em 1970. Daí continuaria em ascensão mais lenta até atingir o seu ponto máximo, de 161,4 milhões, em 1985, para, em seguida, entrar em descenso. Igualmente as porcentagens dos dois sexos e das idades sofrem variações correspondentes a todas essas fases (20) e (21).

Previsões semelhantes têm sido feitas para os domínios ingleses (22). De acordo com estas, a Nova Zelândia, com 1 546 000 habitantes em 1940, figurará com uma população de 1 544 000 em 1970, após ter atingido o ápice de 1 608 000 em 1955 (23). A população européia australiana aumentaria de 6 882 000 em 1940, para 7 253 000 em 1970, após ter atingido o ápice de 7 412 000 em 1958 (24) para o Canadá, onde o índice de fertilidade excede de muito o nível de estabilidade, espera-se também um aumento considerável compreendido entre as cifras de 11 636 000, em 1941 e a de 1971, calculada em 15 401 000 (25). Do mesmo modo a população européia da África do Sul revela um índice de reprodução que supera o nível de integração (26). Tais condições justificam a política de encorajamento e regulamentação da imigração das Ilhas Britânicas, empregada para essas colônias.

As populações não européias — Ainda se torna mais difícil compreender os fatos de população entre os povos de origem não-européia.* O problema de saber a que está condicionado o índice de natalidade em geral e das suas relações com o de mortalidade ainda não está satisfatoriamente solucionado (28).

Em relação ao ocidente, poderemos dizer apenas que a fertilidade declina em face de condições urbanas e industriais. Que este declínio se verifica pela limitação voluntária do tamanho da família e por hábitos comuns tendentes a prolongar a idade média do casamento e aumentar a proporção dos celibatários. Que entre diferentes grupos econômicos observa-se que a fertilidade costuma variar inversamente ao nível de vida, exceto nas sociedades maduras em que a prosperidade provoca um ligeiro acréscimo (29). Se tais mudanças são sintomáticas de um individualismo que levará inevitavelmente ao declínio da nossa civilização ocidental, (30) ou se, ao invés disso, representa um estágio na transição para um equilíbrio econômico de natalidade e mortalidade (31) são indagações básicas sobre que diferem as opiniões.

Apenas possuímos um exemplo de nação asiática que tenha experimentado a industrialização: o Japão (32). Este país, com a abertura de seus portos ao comércio e a industrialização saindo da economia agrícola de sustentação — viu sua população emergir da estagnação em que se encontrava e quase duplicar-se no correr de duas gerações. Isto se verificou mesmo a despeito das emigrações. Todavia, dentro das duas décadas passadas, uma queda da taxa de aumento natural tornou-se aparente (33) e (34).

Baseados no que ocorreu no Japão poderíamos pressupor o que sucederá nos demais países asiáticos, na medida em que o Japão pode representá-los, quando forem submetidos à experiência industrial. Essa experiência demonstra antes de tudo que qualquer tentativa de industrialização desacompanhada de esforços no sentido da elevação do nível de vida geral e de maior expansão comercial não resultará em benefícios reais para as populações dos países pobres e densamente povoados.

O sudeste da Ásia, Índia, China, Coreia e Japão comporta a metade da população da terra, mantida com recursos muito inferiores aos que possuem a Europa e América do Norte. Os graves problemas que relevam da superpopulação, são encarados em função das análises de distribuição, estudo comparativo entre diversas áreas de densidades diferentes, possibilidades de utilização das terras improdutivas e outros (35), (36), (37).

As contribuições sobre imigração ora encaram o aspecto técnico, isto é, o estudo das condições de solo, clima, adaptação, equipamento, requeridas, (38) ora refletem o ponto de vista político, a saber, o sistema de propriedade da terra ou melhor as relações a serem estabelecidas entre os produtores (39).

Além desses, contam-se os demógrafos que põem mesmo em dúvida se a imigração é capaz de atenuar a superpopulação. Com efeito a experiência demonstra que nas áreas de população adensada, onde prevalece a economia agrícola de subsistência, as brechas causadas na massa da população pela emigração, são logo refeitas pelo crescimento natural da mesma, em nada diminuindo as asperezas da luta pela subsistência. Isto aconteceu em relação às numerosas imigrações chinesas para o sudeste da Ásia. Pretendem outros por fim, que o acréscimo da população devido à imigração é descompensado pelo retraimento proporcional no crescimento da população local.

Se tais concepções forem verdadeiras, os estudos sobre redistribuição tornar-se-ão ociosos (40), (41).

Em bases de uma mais efetiva colaboração e integração econômica internacional é que seria possível estabelecer diretrizes mais concretas e efetivas para o melhor ajustamento do homem aos recursos.

J. M. C. L.

* NOTA — O autor quando fala da América Latina, não faz referência particular ao Brasil, apenas mencionando a Argentina, Uruguai e Costa Rica que considera os únicos países "que formam grupos étnicos de origem distinta e predominantemente européia". O autor embora não classifique expressamente o Brasil entre as populações "não-européia" coloca entretanto no mesmo plano das populações asiáticas e africanas os países da América Latina, naturalmente excetuados os que incluiu entre os de genuína derivação européia. Todavia, deixando de parte o problema da composição étnica dos povos latinos-americanos, seria temerário demais querer equiparar-los aos povos de origem "não-européia" a que fatores históricos e sociológicos próprios imprimem feições inteiramente diferentes às oscilações demográficas. De qualquer maneira, a civilização latino-americana, desenvolveu-se em moldes incontrastavelmente europeus e os modos de vida, costumes, estrutura política e social foram herdados da velha Europa, sofrendo as adaptações impostas pelo novo meio. Por outro lado as populações vindas da Europa conservaram, na maioria dos casos, as suas características próprias, e, se não ficaram imunes no contacto com os outros elementos formadores da população, podemos dizer que os assimilaram de tal forma que se pode reconhecer facilmente nos novos países sul-americanos os traços inconfundíveis de cultura e do desenvolvimento europeus (27).

Bibliografia citada

1) — WARREN S. THOMPSON: *Plenty of People* x and 246 pp. (Science for War and Peace Series). The Jaques Cattell Press, Lancaster, Pa., 1944. Problemas correntes de população tratados por eminente autoridade americana no assunto em linguagem acessível ao público não especializado.

2) — ROBERT R. KUCZYNSKI: *Population Movements: Three Public Lectures Given at the University of London, march 1936*, 121 pp. Clarendon Press, Oxford, 1936. Ligeira investigação sobre os movimentos correntes da população mundial e os métodos de medi-los, por um distinguido especialista. Com um apêndice.

3) — WALTER F. WILLCOX: *Studies in American Demography*. XXX and 556 pp. Cornell University Press, Ithaca, N. Y., 1940. Veja o apêndice 2 (pp. 511-540). "The population of China and Its Modern Increase", para uma apreciação crítica das várias estimativas.

— KINGSLEY DAVIS: *Demographic Fact and Policy in India*. Milbank Memorial Fund Quart., Vol. 22, 1944, pp. 256-278. — Ilustrado com mapas. Discussões sobre tendências e perspectivas.

— ERNEST JURKAT: *Prospects for Population Growth in the Near East*. Ibid., pp. 300-317. Passa em revista as estatísticas disponíveis, com especial referência à densidade. Ilustrado com mapas.

— ROBERT R. KUCZYNSKI: *Colonial Population*, XIV and 101 pp. Oxford University Press, London, 1937. Estimativa das estatísticas oficiais de populações coloniais e tentativa de prover um conjunto de dados corretos para comparação e análises regionais.

4) — FRANK W. NOTESTEIN, IRENE B. TAEUBER, DUDLY KIRK, ANSLEY J. COALE and LOUISE K. KISER: *The Future Population of Europe and the Soviet Union: Population Projections, 1940-1970*. 315 pp. League of Nations Publs II. Economic and Financial, 1944. II. A. 2. Economic, Financial and Transit Dept., League of Nation, Geneva (agents in the United States: Columbia University Press, International Documents Service, New York City), 1944. Realizado pela cooperação de especialistas da Universidade de Princeton. Destinada a servir tanto ao leigo, interessado em questões públicas, quanto ao estudante dos problemas de população nos seus aspectos prático e metodológico. Com apêndices orientadores do método de trabalho, quadros demonstrativos e bibliografia sobre previsões de populações em bases regionais.

5) — Ibid., p. 194.

6) — DAVID V. GLASS: *Estimates of the Future Population of Various Countries*, *Eugenics Rev.*, Vol. 35, 1943-1944, pp. 71-83. Quadros, notas explicativas e referências bibliográficas são compiladas para 28 previsões de 11 países europeus e Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

7) — ROBERT R. KUCZYNSKI: *The Measurement of Population Growth: Methods and Results*, VI and 255 pp. (Text-Books of Social Biology). Oxford University Press, New York, 1936. Detalhada apreciação da valia das estatísticas de natalidade e discussão plena dos métodos de medir crescimento da população no passado. Com um apêndice estatístico.

— HENRY PRATT FAIRCHILD: *People: The Quantity and Quality of Population*. 315 pp. Henry Holt & Co., New York, 1939. Apresentação popular dos problemas de população por um sociólogo que nega a validade das previsões, em bases "behavioristas".

8) — ROBERT R. KUCZYNSKI: *The Balance of Births and Deaths*, vol. 1, *Estern and Northern Europe*. XI and 140 pp. (Publ. Brookings Instn., Inst. of Economics Ser. N.º 29. The Macmillan Co. New York, 1928. Estudos de quotas de natalidade, fertilidade, reprodução e equilíbrios presentes e futuros de natalidade.

9) — D. V. GLASS: *Population Policies and Movements in Europe*, VIII and 490 pp. Clarendon Press, Oxford, 1940. Cuidadosa e bem documentada consideração dos rumos atuais da população, dos problemas que envolvem e os anti-dotos aplicados ou propostos para a Inglaterra, País de Gales, França, Bélgica, Itália, Alemanha e Escandinávia. Com farta bibliografia.

10) — ALVA MYRDAL: *Nation and Family: The Swedish Experiment in Democratic Family and Population Policy*, XV and 441 pp. Harper & Brothers, New York and London, 1941. Edição americana do livro do professor e Mrs. Myrdal, aparecido na Suécia em 1934 e serviu para cristalizar ali a opinião pública. O presente volume inclui uma descrição completa das medidas propostas nos livros anteriores e das adotadas efetivamente no intervalo.

11) — Lancelot Hogben, edit.: *Political Arithmetic: A Symposium of Population Studies*, 531 pp. George Allen & Unwin, London, 1938. (Macmillan, New York). The other contributors are R. R. Kuczynski, Enid Charles, Pearl Moshinsky, D. V. Glass, J. L. Gray, David Morgan, and Allison Davies.

— T. H. MARSHALL, A. M. CARR-SAUNDERS, H. D. HENDERSON, R. R. KUCZYNSKI, and ARNOLD PLANT: *The Population Problem: The Experts and the Public*, 176 pp. GEORGE ALLEN & UNWIN, London, 1938.

12) — Sir WILLIAM BEVERIDGE: *Social Insurance and Allied Services: Report. Great Britain, Inter-Departmental Committee on Social Insurance and Allied Services*. American edit., reproduced photographically from the English edition. 299 pp. The Macmillan Co., New York, 1942. Texto completo.

— G. D. H. COLE: *Beveridge Explained: What the Beveridge Report on Social Security Means*. 48 pp. *The New Statesman and Nation*, London, 1942. Um sumário com bastante clareza.

13) — *The Lancet*, Mar. II, 1944, pp. 352-353. An Announcement of the terms of reference and of the members of the commission.

14) — JOSEPH J. SPENGLER: *France Faces Depopulation*. XI and 313 pp. (Duke University Publications). Duke University Press, Durham, N. C., 1938. Valioso para materiais e referências compiladas.

— JEAN-SYLVAIN WEILLER: *Natalité comparée et renaissance française. Renaissance*, Vol. I, 1943, pp. 631-640. Análise sugestiva dos sentidos da população francesa à luz da experiência geral européia e da guerra.

15) — Maurice Hindus in the *New York Herald Tribune*, July 10, 1944, pp. I and 9.

16) — W. B. REDDAWAY: *The Economics of a Declining Population*. 270 pp. George Allen & Unwin, London, 1939. (Macmillan, New York). Uma boa análise, que insiste principalmente sobre a planificação.

17) — C. J. ROBERTSON: *Population and Agriculture, With Special Reference to Agricultural Over-population*. 63 pp. League of Nations Publ., European Conference on Rural Life 1939, Technical Documentation, 3 (Internatl. Inst. of Agric. Contribs., Doc. No. 1). Estudo analítico e estatístico das diversas regiões da Europa oriental e meridional, Bretanha e Irlanda.

— DOREEN WARRINER: *Economics of Peasant Farming*, IX and 208 pp. Oxford University Press, Londres, New York, Toronto, 1939. Estudo objetivo acentuado, comparativamente, preços e mercados.

— WILBERT E. MOORE: *Agricultural Population and Rural Economy in Eastern and Southern Europe*. Milbank Memorial Fund Quart., Vol. 22, 1944, pp. 279-299. Análise estatística da produtividade por unidades geográficas. Ilustrado com mapas e diagramas.

— ROBERT R. KUCZYNSKI: *The Balance of Births and Deaths*, vol. 2, Eastern and Southern Europe. XII and 170 pp. Publ. Brookings Instn., Inst. of Economics Ser. N.º 43, 1931. Análise dos rumos da fertilidade e mortalidade, com sumário estatístico.

18) — P. N. ROSENSTEIN-RODAN: *Problems of Industrialisation of Eastern and South-Eastern Europe*. *Econ. Journ.*, N.º 210-211, Vol. 53, 1943, pp. 202-211. Balanço das soluções e possibilidades.

19) — WARREN S. THOMPSON and P. K. WHELPTON: *Estimates of Future Population of the United States, 1940-2000*. III and 137 pp. (Prepared for the Committee on Population Problems), National Resources Planning Board, Washington, 1943. Exame das presunções em que repousam as previsões, os métodos de cálculo empregados e os corolários dos resultados acompanham os extensivos quadros estatísticos.

20) — Future Populations, Population Index, Vol. 10, 1944, pp. 3-13. Exposição condensada e comentário das previsões de THOMPSON e WHELPTON e comparação das mesmas com as relativas à Europa e União Soviética, referidas na nota 4.

21) — WARREN S. THOMPSON and P. K. WHELPTON: Population Trends in the United States, X and 415 pp. (Monographs: Recent Social Trends in the United States, prepared under the direction of the President's Research Committee on Social Trends.) McGraw-Hill Book Co., New York and London, 1933. Análise minuciosa dos dados censitários e estatísticos de população. O capítulo II refere-se à política populacional.

— The Problems of a Changing Population: Report of the Committee on Population Problems to the National Resources Committee, May 1938, IV and 306 pp. Washington, 1938. Extenso estudo não só dos problemas demográficos como também de condições econômicas e sociais associadas. Com mapas, diagramas e quadros estatísticos.

— FRANK LORIMER, ELLEN WINSTON, and LOUISE K. KISER (for the Committee on Population Studies and Social Planning of the Nation Economic and Social Planning Association): Foundations of American Population Policy, XIII and 178 pp. Harper & Brothers, New York and London, 1940 para elevar o nível de vida material e cultural nos Estados Unidos através de uma opinião pública esclarecida.

22) — W. D. BORRIE: Some Thoughts on Post-War Population and Demography. Australian Journ. of Sci., vol. 6, 1943-1944, pp. 105-108.

23) — Uma das estimativas de DAVID V. GLASS, à pág. 83 do seu artigo citado na nota 6.

24) — Idem. Descrita como estimativa II na pág. 83 do artigo de GLASS.

25) — W. BURTON HURD: Some Implications of Prospective Population Changes in Canadá. Canadian Journ. of Econ. and Polit. Sci., vol. 5, 1939, pp. 492-503.

26) — Artigo citado de DAVID V. GLASS. Estimativa III, pág. 82.

27) — IRENE B. TAEUBER: The Development of Population Predictions in Europe and the Americas. Estadística, n.º 7, vol. 2, 1944, pp. 323-346. Recomenda-se especialmente pelas referências bibliográficas do material sobre as Américas.

28) — A. M. CARR-SAUNDERS: World Population: Past Growth and Present Trends, XV and 336 pp. Published under the auspices of the Royal Institute of International Affairs. Clarendon Press, Oxford, 1936. Balanço compreensivo. Os caps. 8, 9 e 11, especialmente às págs. 132-136, tratam da fertilidade.

— D. V. GLASS and C. P. BLACKER: Population and Fertility, 101 pp. Population Investigation Committee, London, 1939. An exposition of the elementary data and problems for the general reader.

— R. R. KUCZYNSKI: Whither Population? (2) The Balance of Births and Deaths. Geography, vol. 22, 1937, pp. 22-28. Uma análise das quotas líquidas de reprodução na Europa, por volta de 1935.

29) — GUNNAR MYRDAL: Population: A Problem for Democracy, XIII and 237 pp. (The Godkin Lectures, 1938). Harvard University Press, Cambridge, 1940. Esclarecida discussão das atitudes contrárias para os problemas populacionais, pelos bem conhecidos sociólogos suecos. Sobre fertilidade veja p. 51.

— "Differential Fertility in Sweden, 1930 and 1935-1936" — Population Index, vol. 6, 1940, pp. 11-13. Sumário dos dados censitários, com referências a outros estudos.

30) — RICHARD TITMUS and KATHLEEN TITMUS: Parents Revolt: A Study of the Declining Birth-Rate in Acquisitive Societies, 128 pp. Martin Secker & Warburg, London, 1942. Afirmção da tese de que existe uma contradição inerente entre a procura competitiva da riqueza e as condições favoráveis à reprodução numa escala suficiente à recomposição da população.

— RAYMOND PEARL: The Natural History of Population, XII and 416 pp. (University of London Hearsh Clark Lectures 1937, delivered at the London

School of Hygiene and Tropical Medicine). Oxford University Press, New York, 1939. Relatório de pesquisas sobre problemas de fertilidade, com incursões pelas interpretações filosóficas.

— LEO KARTMAN: Sociological Excursions of Biologists, *Scientific Monthly*, vol. 57, 1943, pp. 337-346. Refutação vigorosa do "raciocínio analógico" da escola organicista.

31) — WARREN S. THOMPSON: Population Problems. 3rd edit. XI and 471 pp. (MacGraw-Hill Publications in Sociology). McGraw-Hill Book Co., New York and London, 1942. Edição revista de um autorizado livro didático sobre o assunto.

— FREDERICK OSBORN: Preface to Eugenics, XI and 312 pp. (Harper's Social Science Series) Harper & Brothers, New York and London, 1940. Obra destinada ao leitor comum em que distinguido cientista trata dos problemas de apurar a qualidade da população numa sociedade democrática.

32) — E. F. PERONSE: Japan, 1920-1936: Mortality, Reproduction and Rate of Increase of the Population since 1920, in *The Industrialization of Japan and Manchukuo 1930-1940*, edited by E. B. Schumpeter, Macmillan, New York, 1940 XVIII and 944 pp.; pp. 80-115. Análise concisa dos dados censitários e estatísticos relativos à vida dos japoneses.

— Idem: Population Theories and Their Application, With Special Reference to Japan, XIV and 347 pp. Food Research Inst. Misc. Publs. n.º 7. Stanford University, Calif., 1934. Trabalho padrão anterior.

— RYOICHI ISHII: Population Pressure and Economic Life in Japan XIX and 259 pp. P. S. King & Son, London, 1937. Delineamento completo e imparcial do problema.

— IRENE B. TAEUBER and EDWIN G. BEALS: The Dynamics of Populations in Japan. *Milbank Memorial Fund Quart.*, vol. 22, 1944, pp. 222-255. Fundamentada análise dos dados oficiais japoneses. Ilustrado com mapas e diagramas.

33) — Two Billion People: A Portfolio Showing the Population of the World, Now and in 1970. *Fortune*, February, 1944, pp. 156-163. As fórmulas para as previsões européias do Office of Population Research, enquanto aplicadas também aos Estados Unidos, Japão e Índia, são resumidos em forma gráfica.

34) — Dr. TELJIRO UYEDA's estimate taken from Inouye Masaji: Population of Japan, Tokyo Bureau of Social Affairs, Kojimachi-Ku, 1937, and quoted in Thompson, *Population Problems (op. cit.)*, p. 257.

35) — C. B. FAWCETT: Whither Population? (I) Distribution and Trends of Movement. *Geography*, vol. 22, 1937, pp. 14-22. Elucidação dos fatores de concentração e dispersão.

Idem: Pressure of Population as a Factor in International Relations, *New Commonwealth Quart.*, vol. 8, 1943, pp. 87-89.

36) — IMRE FERENCZI: The Synthetic Optimum of Population: An Outline of an International Demographic Policy. 115 pp. (International Studies Conference) International Institute of Intellectual Co-operation, League of Nations, Paris, 1938, (paper; Columbia University Press, New York). Esse estudo bem fundamentado aponta a complexidade do conceito do optimum. O autor acentua a cooperação internacional para promover medidas estatísticas para a sua determinação — alvo contudo bem remoto.

37) — GEORGE H. T. KIMBLE: The World's Open Spaces. 189 pp. (Discussion Books, n.º 60). Thomas Nelson & Sons, London, 1939. 2s. Análise de um geógrafo inglês destinada ao leitor comum, da disparidade na distribuição dos homens e recursos sobre a superfície da terra.

— FERGUS CHALMERS WRIGHT: Population and Peace: A Survey of International Opinion on Claims for Relief from Population Pressure, XVI and 373 pp. (International Studies Conference: Peaceful Change, vol. 2) International Institute of Intellectual Co-operation, League of Nations, Paris, 1939. (Columbia University Press, New York). Visão imparcial da teoria, condições objetivas e soluções propostas.

38) — ISAIAH BOWMAN, edit.: Limits of Land Settlement: A Report on Present-Day Possibilities, VII and 380 pp. Council on Foreign Relations, New York, 1937. Esse extrato de estudos analíticos e regionais por diversos especialistas, constitui um bom exemplo.

39) — W. D. FORSYTH: The Myth of Open Spaces: Australian, British and World Trends of Population and Migration, XVII and 226 pp. Melbourne University Press, in association with Oxford University Press, Melbourne and London, 1942. Exemplo dos estudos em que as considerações políticas são aceitas como de importância precípua.

40) — Para uma distribuição radical neste ponto de vista veja Fairchild, *op. cit.*, pp. 235-238.

41) — FRANK W. NOTESTEIN: Problems of Population Policy in Relation to Areas of Heavy Population Pressure. Milbank Memorial Fund Quart. vol. 22, 1944, pp. 424-444. Admirável análise dos pontos básicos.